

RESUMO SIMPLES - APRESENTAÇÃO ORAL - GT1 - SAÚDE MENTAL NA
UNIVERSIDADE

**ESCREVIVÊNCIAS DE MULHERES NEGRAS EGRESSAS: REFLEXÕES
SOBRE SAÚDE MENTAL NA PÓS-GRADUAÇÃO**

Fernanda Candido Da Silva Santos Magalhaes (202414120001@pq.uenf.br)

Antonio José Carneiro Cardoso (a.j.c.cardoso@bol.com.br)

Shirlena Campos De Souza Amaral (shirlena@uenf.br)

Discutir saúde mental de mulheres negras na universidade implica considerar que a experiência acadêmica não se realiza à margem das relações raciais, de gênero e das condições concretas que possibilitam ou dificultam o estar e o permanecer nesse espaço. A interseccionalidade, como discutida por Akotirene (2019), permite compreender a articulação dessas estruturas sem fragmentar experiências que, na vida dos sujeitos, se produzem conjuntamente. As reflexões de Neusa Santos Souza (2021), por sua vez, contribuem para pensar como o racismo alcança a dimensão subjetiva da experiência negra, especialmente diante das expectativas, das exigências de reconhecimento e das imposições que incidem sobre esses sujeitos. A partir dessa perspectiva, este trabalho pergunta: que sentidos sobre saúde mental emergem das escritas de três mulheres negras egressas acerca de suas experiências na pós-graduação? O objetivo é compreender como essas mulheres significam, retrospectivamente, experiências relacionadas à saúde mental em suas trajetórias acadêmicas. Trata-se de um recorte de pesquisa qualitativa que toma a escrita, conforme Conceição Evaristo (2020), como possibilidade de produção de conhecimento a partir da experiência de mulheres negras. O

corpus reúne narrativas de três egressas, produzidas em conversas abertas sobre suas trajetórias na pós-graduação, sem direcionamento prévio para questões de saúde mental. A análise interpretativa volta-se, assim, para os sentidos que emergem das próprias narrativas, sem tomar categorias clínicas como ponto de partida. Os resultados preliminares revelam experiências nas quais as cobranças acadêmicas, as relações de orientação, a maternidade e o cuidado, as condições materiais e o pertencimento racial se articulam, de modos distintos, à exaustão, ao desânimo, à solidão e à necessidade recorrente de demonstrar competência. Ao mesmo tempo, os vínculos familiares, o acolhimento, o reconhecimento e os encontros com outras mulheres negras aparecem como formas de sustentação, evidenciando que essas trajetórias não podem ser lidas exclusivamente pela chave do sofrimento. Nas escrituras analisadas, a saúde mental não aparece apartada da possibilidade concreta de permanecer, de pertencer e de realizar o trabalho acadêmico em determinadas condições. Essa compreensão desloca o olhar do sofrimento como experiência estritamente individual e permite situá-lo nas relações e nas condições materiais e institucionais que constituem a vida universitária, sem desconsiderar as formas de apoio e de sustentação construídas pelas próprias mulheres ao longo de suas trajetórias.

Referências

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

EVARISTO, Conceição. A escriturabilidade e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26–46.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Palavras-chave: saúde mental; mulheres negras; pós-graduação; escriturabilidade; interseccionalidade.